

Somos humanos, pois não? Lições em aprendizagem

Ana Maria Gomes de Almeida¹

Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo – quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo, não sei me entregar à desorientação.

(Clarice Lispector, A paixão segundo GH)

Vivíamos (os que lidam com educação) numa aparente atmosfera de segurança. Imaginávamos que o que vínhamos ouvindo, lendo, discutindo em relação às novas tecnologias da informação e comunicação estava lá adiante ... no futuro. Seria pra depois. Um tempo distante que alguns insistiam em dizer que já era presente. Mas não nos movíamos, protelávamos para o dia seguinte a decisão de saber do que alguns poucos falavam. Não nos pertenciam aquelas palavras ouvidas de quem (imaginávamos) apontava-nos um contexto diferente. Era tão confortável permanecer assim!

Mas... “viver é muito perigoso”, disse Riobaldo em *Grande Sertão:Veredas*, de Guimarães Rosa. E o perigo veio em forma de vírus, alastrou-se, desorientou-nos. Gestores, professores, estudantes nos perguntávamos: “E agora, José?”. Como “navegar é preciso” e quem vive da/na educação está acostumado a desafios cotidianos, de início ainda um pouco em estado de desorientação, fomos encontrando os caminhos, buscando entender o novo cenário. Mais uma vez, tivemos de trocar o pneu com o carro andando.

Algumas vezes com muita dificuldade; em outras, com poucas condições estruturais para preparar as aulas remotas, lidando por vezes com estudantes pouco afeitos à tecnologia ou sem recursos adequados para participar das aulas, fomos nos reinventando. Aprendíamos a cada aula, vivemos o coletivo da troca com os colegas, aventuramo-nos *por mares nunca d’antes navegados* por nós, recorremos aos tutoriais, ao *youtube*, participamos de webinários, trocamos avidamente mensagens pelo *whatsapp*, fizemos vídeos, assistimos a tantas *lives* que perdemos a conta. Nos reinventamos.

O que temos aprendido neste momento especial da história da humanidade e, claro, da educação?

Se antes ouvíamos dizer que a formação tem de ser contínua, agora ficou evidente. Aprender-desaprender-aprender-desaprender-aprender-desaprender será nosso motoperpétuo.

¹ *Ana Maria Gomes de Almeida, doutora em Educação e diretora do Centro de Ciências Humanas e Sociais do Unifeso. E-mail: anamariaalmeida@unifeso.edu.br

Se ouvíamos falar nas desigualdades sociais, agora elas se fizeram evidentes e de forma escancarada nas telas dos celulares, dos computadores, dos aparelhos de televisão, dos notebooks, pela presença ou falta dos estudantes.

Se achávamos que o acesso à internet era precário no país, agora não temos dúvida.

Se nos permitíamos ouvir falar em letramento digital, agora enunciemos que ler na atualidade implica saber pesquisar, informar-se, comunicar-se, exercer a criticidade, refletir sobre o mundo que nos circunda e atuar como cidadãos utilizando as redes sociais, a internet na sua potencialidade.

Se repudiávamos a leitura na internet, nos descobrimos ávidos leitores de *blogs*, *vlogs*, *flogs*, *sites*, *newsletters*, periódicos *on-line* e livros digitais.

Nossa caminhada pelo incerto não terminou. Nem mesmo sabemos se algum dia terminará. Acredito que fará parte eternamente das veredas de nossas vidas.

Por isso, não podemos nos descuidar da Pedagogia da Esperança, como nos ensinou Paulo Freire. “A esperança é necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica”. Mas ter clareza de que “Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica”.

Precisamos ensinar a condição humana inserida no universo. Interrogarmo-nos como integrantes da natureza e não apartados dela. Apropriando-me das palavras de Edgar Morin em *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, “...é impossível conceber a unidade complexa do ser humano pelo pensamento disjuntivo, que concebe nossa humanidade de maneira insular, fora do cosmo que a rodeia, da matéria física e do espírito de que somos constituídos...”.

Mas agora era tarde demais. Eu teria que ser maior que meu medo, e teria que ver de que fora feita a minha humanização anterior. Ah, tenho que acreditar com tanta fé na semente verdadeira e oculta da minha humanidade, que não devo ter medo de ver a humanização por dentro.

(Clarice Lispector, A paixão segundo GH)